
Comunicação das Pessoas¹ crise do social, teoria e psicanálise

Aristides Alonso²

Potiguara Mendes da Silveira Jr.³

Resumo: Crise da ideia do social: diminuição do protagonismo dos humanos e admissão de grandes quantidades de dados (data) produzidos por não-humanos nas decisões das sociedades. Reproblemática da inserção dos estudos da Comunicação na área das ciências sociais aplicadas. Exposição da *Transformática*, teoria psicanalítica da comunicação não antropocêntrica, não tecnocêntrica e não sujeitocêntrica. Duas perguntas: quem é aquele/a, ou aquelx, que frequenta as (e é frequentadx pelas) redes transorgânicas e as ecologias comunicativas de hoje? Como descrever essa figura e seus processos tanto singulares, quanto imersos no jogo com os demais partícipes do atual ambiente social e mental de fluxos informativos em transformação constante?

Palavras-Chave: Teorias da comunicação. Digitalização. Nova Psicanálise.

Abstract: Crisis of the idea of “social”: decrease of human importance due to the admission of large

¹ Texto apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação, do XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, de 05 a 08 de junho de 2018.

² Professor (FACHA/RJ). Doutor (Letras/UFRJ).

³ Professor titular (PPGCOM/UFJF). Doutor (Eco/UFRJ).

amount of data produced by nonhumans in social questions. Inquiry into Communication studies' insertion in the field of applied social sciences. Brief exposition of Transformatics, a non-anthropocentric, non-technocentric and non "subject" centered psychoanalytic theory of communication. Two questions: who would be that "person" who inhabits (and is inhabited by) the trans-organic networks and communicative ecologies of today? How to describe this figure and its processes, both particular and among other participants of the ongoing social and mental environment of information flows in constant transformation?

Keywords: Communications theories. Digitalization. New Psychoanalysis.

Sozinhos, alguns espíritos rebeldes, estranhos, com o seu toque de finados, no tumulto do oceano social em que estão mergulhados, ruminam aqui e acolá problemas bizarros, absolutamente desprovidos de atualidade. E são estes os inventores de amanhã.

Gabriel TARDE ([1890], p. 10)

Pesquisar sobre *Comunicação* implica frequentar um campo com diversas concepções, cada uma enfatizando tais ou quais aspectos, tais ou quais direções de entendimento. Talvez, todas pertinentes. O certo é que nenhuma, ou mesmo sua soma, consegue abarcar o processo comunicacional por

inteiro. Está aí a riqueza do campo: não se deixar prender a uma única vertente ou definição.

No que concerne à academia, os estudos da Comunicação se enquadram na área das “ciências sociais aplicadas”, o que tem utilidade classificatória, serve para organizar critérios de avaliação, de concessão de recursos... Não se sabe bem o que sejam estas ciências, o que seja o “social”, ou mesmo se são ciências – e o que resulta de sua aplicação é sempre precário (quanto a isto, aliás, não é muito diferente dos outros campos do saber). Resta, então, um enquadre oficial com disciplinas e professores designados para obrigações docentes, e alunos com expectativas incertas quanto à utilização do que estudam. Por outro lado, são disciplinas, professores e alunos que, mesmo assim oficializados, trazem questões, apresentam críticas, identificam novos temas e usos dos processos vinculatorios – e, sobretudo, prospectam modos de reflexão, tratamento e intervenção nestes processos em consonância com os acontecimentos cambiantes e acelerados da atualidade.

A ideia moderna – ou modernista – do *Social*, surgida em fins do século 19, diferentemente de uma perspectiva anterior, iluminista, vem na conta de uma racionalidade

urbana, ocidental e calcada em práticas já em transição para o que foi chamado de segunda revolução industrial (a de hoje é a quarta, chamada “Indústria 4.0”). Esta, associada à implantação de uma democracia e de um consumo de massa que gradualmente oficializará a presença de mulheres⁴, homossexuais, minorias, etc., na vida pública e nas relações trabalhistas. É o momento inicial da aspiração por uma identidade pessoal fora das imagens de autoridade enraizadas num ambiente comunitário centrado na família. Fábricas e escritórios – seus modos de funcionamento, rotinas e tarefas executadas em série – passam a ser o parâmetro para cada um construir o que seria seu jeito próprio de vida. É quando também se instala a ideia de um inconsciente *pessoal*, que “marcou um vívido sentido de disjunção entre o público e o privado, o exterior e o interior, o sociocultural e o pessoal” (ZARETSKY, 2004, p. 6).

No decorrer do século 20, vários/as autore/as apontam que este sentido de disjunção com fronteiras demarcadas vai ganhando contornos menos distinguíveis. Por exemplo, no último quartel, Donna Haraway (1944-), em seu *Manifesto ciborgue* ([1983, 1991]), enumera três junções que, para ela,

⁴ As mulheres norte-americanas e inglesas (todas, e não apenas as proprietárias de terra) ganharam o direito de votar nos anos 1920.

são bem visíveis. São “três quebras de fronteiras cruciais”, aquelas entre: (1) “o humano e o animal”, relacionada ao “prazer da conexão entre o humano e outras criaturas vivas”, conexão esta que contribuiu para “diminuir a distância entre a natureza e a cultura” (id., p. 40) e entre as “ciências da vida e as ciências sociais”; (2) “entre o animal-humano (organismo), de um lado, e a máquina, de outro” (id., p. 41), já que “as máquinas do final do século 20 tornaram completamente ambígua a diferença entre o natural e o artificial, entre a mente e o corpo”, eliminando assim “a autoria/autoridade transcendente da interpretação e com ela a ontologia que fundamentava a epistemologia ‘ocidental’”; e (3) “entre o físico e o não-físico”, que orbita a ideia de que “a maquinaria moderna é um deus irreverente e ascendente, arremedando a ubiquidade e a espiritualidade do Pai” (id., p. 43). São três quebras, ou junções, que concernem a “fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades” (id., p. 45).

Passados quase trinta anos da constatação exemplar dessas quebras de fronteiras, há certo consenso em falar de crise da ideia do social, sobretudo por ela ter tido que ceder quanto ao protagonismo dos humanos, dos *soci* (companheiros, associados) e seus contratos nas

deliberações políticas e econômicas das sociedades. No tratamento das atuais situações de qualquer ordem e magnitude, incluem-se como partícipes ativos nas decisões as redes ecológicas digitais, os *Big Data*, os monitoramentos dos micro-organismos e do clima, as complexidades informativas globais... Entraram definitivamente no jogo “quantidades de informação produzidas por não-humanos e inadmissíveis, dado seu grande volume, pela mente humana” (DI FELICE, 2017, p. 9).

Além de reproblematicar a inserção da Comunicação na área das ciências sociais aplicadas⁵, esta breve introdução objetiva abrir caminho para expor a proposta da psicanálise atual⁶ sobre uma Teoria da Comunicação não antropocêntrica, não tecnocêntrica e, sobretudo, não sujeitocêntrica. Duas perguntas são pontos de partida: Já que não se trata mais de considerar um agente social ou psicológico disjunto (público/privado, interior/exterior, mente/corpo), o que há ainda a dizer sobre aquele/a, ou aquele/x, que frequenta as (e é frequentado/a/x pelas) redes

⁵ Esta problematização já tem sido bem exposta nos trabalhos de Luiz C. Martino. Cf., por exemplo: MARTINO (org.), 2007.

⁶ Desenvolvida no Brasil dos anos 1980 para cá segundo a perspectiva de que a psicanálise é uma teoria da comunicação.

transorgânicas e as ecologias comunicativas de hoje? A psicanálise, tomada do ponto de vista dos estudos da Comunicação, tem condições de avançar uma descrição operativa dessa figura, de seus processos e processamentos tanto singulares, específicos, quanto imersos no jogo com os demais partícipes desse ambiente de fluxos informativos em transformação constante?

1. Consciente-inconsciente

Os acontecimentos do final do século 19 já foram bastante estudados, sobretudo quanto à transformação da consciência e da sensibilidade que então tomava corpo. Se antes a ênfase estava nas distinções e classificações como organizadoras dos modos de conhecimento, naquele *fin-de-siècle* “desapareceram muitas certezas tradicionais e evaporou-se um certo tipo de confiança vitoriana não só no progresso da humanidade mas também na própria solidez e visibilidade do real” (BRADBURY, M.; McFARLANE, J. [1976], p. 43). Uma postura modernista se instalava nas ciências, no pensamento, nas artes e na cultura com a difícil tarefa de “exigir a reconciliação de duas formas distintas de reconciliar as contradições, formas que, em si mesmas, também são contrárias” (id., p. 68). Foi em meio a esta

tensão duplicada que a obra freudiana veio reforçar a ideia de *indivíduo*, daquele que se via com possibilidades de assumir sua singularidade quanto à reivindicação de seus desejos, mas que, simultaneamente, percebia-se pensado e incontinentemente movido por estes mesmos desejos.

Eli Zaretsky, autor ligado aos estudos culturais e sociais, citado acima, escreve que, ao trazer a ideia de um ‘inconsciente pessoal’, a psicanálise foi a “*primeira grande teoria e prática da ‘vida pessoal’*” (2004, p. 5, grifos do autor). Isto, em acordo com a “disjunção entre a psique individual e a cultura, que se evidenciou no final do século dezenove” (id., p. 6). Para articular esta afirmação com a atual (século 21) crise (e mesmo crescente desaparecimento) da distinção público/privado, é preciso lembrar que o destaque do *indivíduo* disjunto do social promovido por Freud estava a serviço de outra disjunção, aquela entre sexo e sexualidade⁷. A não separação dos dois era a matriz de inúmeras outras disjunções arraigadas, coercitivas e excludentes quanto aos formatos das práticas pessoais e sociais (família nuclear: papai / mãe / bebê; normalidade sexual heterocentrada; sexo = reprodução...). A partir de

⁷ As obras de autores contemporâneos como Krafft-Ebbing e Havelock Ellis também iam nesta direção.

então, em termos mais amplos, torna-se possível entender que *Sexo* é anatômico, e *Sexualidade* é psíquica, a ser considerada caso a caso. Entendimento que, mesmo hoje, não se processa socialmente com facilidade.

O ambiente cultural e intelectual em que Freud inicia sua obra já havia tematizado esta situação do indivíduo como afirmativa de uma singularidade e, ao mesmo tempo, submetida a processos mentais que o ultrapassavam. A importância do caráter psicológico já fora apontado nos inícios da sociologia francesa. Gabriel Tarde (1843-1904), em oposição a Émile Durkheim (1858-1917), afirmava que “o psicológico se explica pelo social, precisamente porque o social nasce do psicológico”. E mais, que “nada [...] é menos científico do que esta separação absoluta, esta descontinuidade avivada, estabelecida entre o voluntário e involuntário, entre o consciente e o inconsciente” (TARDE [1890], p. 6). Daí, dessa base conceitual entrelaçada – consciente-inconsciente –, é que este texto busca pensar sobre os desdobramentos do percurso dessa figura já chamada de sujeito (na filosofia e na psicanálise lacaniana [não na obra freudiana]), de indivíduo (na sociologia e na psicologia), de cidadão (na política), de *Dasein* (Heidegger), de actante (na teoria ator-rede)... O intuito é descrevê-la para

além daquele *individual* encarecido nos inícios do século 20 e ampliar o alcance das questões trazidas por seu trajeto dos últimos trinta anos. Sobretudo, quando se fala do advento de um novo individualismo em que cada um seria permanentemente obrigado a se reinventar e manter relações pessoais pautadas por um hedonismo efêmero e consumista. Isto, já não mais existindo o ambiente de suposta estabilidade no trabalho que determinou os modos daquele indivíduo novato do final do século 19.

2. *Faber* comunicante

O percurso do chamado *humano* no decorrer da história, desde seus inícios, foi descrito como acarretador de transformações. Parece mesmo que humano e transformação são equivalentes. A natureza também passa por transformações ininterruptas, mas que lhe ocorrem espontaneamente. Já o humano, este, está imerso nessas transformações, sofre suas consequências, entretanto, além disso, tem se mostrado um fabricante (*faber*) intencional de formas, paisagens, locais e caminhos que não estavam dados – e que, uma vez montados, modificam tanto ele quanto seu entorno, para bem e para mal. E mais, hoje, é possível mapear geográfica e socialmente grande parte dos efeitos

dessas modificações por todo o Planeta. Coletam-se também dados (*data*) cada vez mais detalhados sobre as transformações mentais e os modos de pensar e agir das pessoas. Modos estes que se tornaram tecnologicamente mediados e vêm produzindo seres cujos comportamentos seriam irreconhecíveis, e mesmo impensáveis, há poucos dez anos atrás.

É uma situação que traz perplexidades por seu ineditismo e imprevisibilidade, que se refletiram na produção das teorias da comunicação ao longo dos últimos cinquenta anos. Perplexidades relevantes no sentido de mostrar a sintonia do campo dos estudos da comunicação com os momentos tecnológicos. Em 1970, Hans Magnus Enzensberger (1929-) via que “a técnica eletrônica não conhece contradição essencial entre o emissor e o receptor. (...) A transformação de um mero meio de distribuição num meio de comunicação não oferece qualquer problema de natureza técnica” (ENZENSBERGER [1970], p. 45). Ele estava propondo alguns elementos para uma teoria dos meios de comunicação, os quais, já estava claro na época, se orientavam “para a ação, não para a contemplação. Para o presente, não para a tradição”. Tratava-se de uma diferença estrutural em relação aos modos de funcionamento

anteriores, pois “a informação acumulada encontra-se à disposição de todos, e o acesso a ela está tão determinado por interesses do momento quanto o próprio ato de registrá-las” (id., p. 75). Ele estava ciente do que Marshall McLuhan (1911-1980) já vinha pensando alguns anos antes – e o apontava como “charlatão”. Entretanto, reconhece que a frase *the medium is the message*, “apesar de sua provocadora idiotice”, tem o “maior interesse” por “revela[r] mais do que sabe seu próprio autor” (id., p. 116).

É uma intuição exemplar a de Enzensberger. Além de detectar a presença do Inconsciente nesse “mais do que sabe seu próprio autor”, pôde ver, ainda que de través – de má vontade –, que o que ele próprio dizia estava na dependência da provocação que McLuhan ([1964]) lançara talvez como a mais importante de suas sondas (*probes*), como seu mais famoso tuíte ou *meme*, pode-se dizer hoje: o meio é a mensagem / o meio é a massagem / o meio é a era da massa (*mass age*). Ou seja, que as “sociedades sempre foram formadas mais pela natureza dos meios [*media*] mediante os quais os homens comunicam do que pelo conteúdo da comunicação” (McLUHAN; FIORE, 1967, p. 8). A consequência é que “o meio [*medium*], ou processo, de nosso tempo – tecnologia elétrica – está reformando e

reestruturando os padrões de interdependência social e cada aspecto de nossa vida pessoal” (id.). Reforça-se com estes dois exemplos, McLuhan e Enzensberger – há outros, antes e depois: Wiener, Shannon e Weaver, Habermas... (cf. FRANÇA; SIMÕES, 2016; e GLEICK [2009]) –, que pensar a Comunicação, suas teorias, seus estudos e aplicações tem sido uma atividade que se desenvolve *pari passu* à dinâmica dos acontecimentos tecnológicos de cada momento. Como os momentos mudam e o ritmo mudança é cada vez mais acelerado, sempre mudam as definições daquelas que lá estão sofrendo seus processos, deslizos e extravagâncias.

3. Comunicação impossível, as máquinas, os discursos

Com frequência, a tradição filosófica e gramatical abordou a comunicação humana segundo uma perspectiva hermenêutica e semântica, que visava a uma emissão / recepção clara, precisa e capaz de transmitir a informação sem perda de sentido de uma à outra ponta. Os lapsos, atos falhos, duplos sentidos e paradoxos das trocas interpessoais eram colocados na conta de desacertos (ruídos) no processo, que deveriam ser depurados, escoimados e mesmo eliminados. A anfibologia e a ambiguidade, por exemplo, constam nas gramáticas tradicionais como erros discursivos

graves, a serem evitados sob pena de comprometer a “boa” comunicação.

Justo essas interferências imprevisíveis foram destacadas por Freud na virada para o século 20. Desde *A interpretação dos sonhos* ([1900]), pelo menos, com a hipótese do Inconsciente, é outra sua visão da produção dos discursos. As ideias de significado, sentido e a própria noção de lugar do sujeito na constituição dos enunciados são postas em xeque. Isto porque o humano “não é senhor em sua própria casa”, como se vê também n’*A psicopatologia da vida cotidiana* ([1901]) e n’*O Chiste e sua relação com o inconsciente* ([1905]), catálogos exemplares dos *gaps*, lacunas e vazios em espirais infinitas que compõem as redes dos pensamentos, devaneios, conversas e expressões diárias das pessoas.

Efeitos dessas “falhas”⁸ – ou mesmo desta impossibilidade⁹ – de comunicação nas relações humanas serão

⁸ “Falhas” entre aspas, pois, como veremos, na verdade, são constituintes das relações humanas.

⁹ Impossibilidade enunciada de diversos modos, mas sempre presente nos textos dos estudiosos da Comunicação. Por exemplo, na pergunta – “Comunicar, afinal, compreende o quê?” – que Vera França e Paula Simões (2016, p. 17) se veem levadas a colocar ao apresentarem as teorias da comunicação. Ou então quando se busca separar “teorias *sobre* comunicação” de “teorias *da* comunicação” (MARTINO, 2007, p. 30 e 36) sem muito êxito.

retomadas por Freud ao citar o “*bon mot*” (atribuído a Tolstoi) de que há três tarefas tidas como impossíveis de se realizar plenamente: “educar, curar e governar” (FREUD [1927], p. 347). Mais tarde, na década de 1960, Jacques Lacan (1901-1981), acrescentará uma quarta tarefa: fazer-se amar. Na sequência, MD Magno (1938-) dirá que as quatro são tarefas impossíveis apenas localmente pois “há devir nessa historieta”. Seu argumento é que *não é impossível educar / psicanalisar / governar / fazer-se amar “... razoável e progressivamente”* ([1989], p. 31). Para as finalidades do presente texto, interessa continuar esta linha de raciocínio e propor que, apesar da dissimetria permanente que há no processo comunicacional, *não é impossível comunicar... razoável e progressivamente.*

Norbert Wiener (1894-1964) e os pioneiros da cibernética não deixaram de intuir que seu projeto abriria caminho para uma reformatação da ideia de humano¹⁰ – de Homem, nos termos de então – predominante na Modernidade. A razão se constituía como faculdade intrinsecamente ligada à ideia de sujeito e, com a

¹⁰ Wiener “pretendia que a cibernética fosse um campo capaz de sintetizar o estudo da comunicação e do controle, sendo também o estudo do ser humano e da máquina” (GLEICK [2009], p. 244).

transposição da lógica e da razão para o interior de uma máquina, tem início uma inédita desvalorização do que se entendia como humano e, simultaneamente, uma ênfase na razão dissociada da subjetividade. Razão esta convertida em processo informacional “encarnado” em um aparelho sem as usuais pressões conceituais dependentes de aspectos afetivos ou biológicos. Surge um mundo não mais pensável conforme as antigas fronteiras mencionadas acima, votado à comunicação e à troca perene de informações. É um mundo de híbridos, máquinas inteligentes, robôs, ciborgues, etc., cujas performances e efeitos são rotineiramente anunciados pela mídia (sem muita ideia de suas consequências).

Seguindo a trajetória do paradigma informacional que se instala, verifica-se uma transformação desde que a pragmática biotecnológica, a robótica e os sistemas complexos tomam o lugar tradicionalmente ocupado pela filosofia, pela religião e pela sociologia. Tem-se o questionamento da ideia de autonomia subjetiva herdada do humanismo¹¹. Quer se trate da IA (inteligência artificial), dos

¹¹ “O que desde os dias de Cícero se chama *humanitas* faz parte, no sentido mais amplo e no mais estrito, das consequências da alfabetização” (SLOTERDIJK [1999], p. 7)). “...a época do humanismo nacional-burguês chegou ao fim porque a arte de escrever inspiradoras cartas de amor a uma nação de amigos [...] já não bastaria para atar os laços telecomunicativos entre os habitantes de um moderna sociedade de massas” (id., p. 13-4). Daí, questão atual: “...o que ainda domestica

ciborgues e seus dispositivos bioinformáticos, e mesmo da ideia de imortalidade corrente no imaginário pós-humano, é a presença ubíqua da informação e da comunicação que se torna inevitável após a Segunda Guerra Mundial.

Tome-se o caso do estruturalismo – modelo influenciado pela cibernética, antropologia e linguística –, nascido em 1943 como resultado de um encontro (em 1939) de Claude Lévi-Strauss (1908-2009) com Roman Jakobson (1896-1982) em Nova York (DOSSE [1992], p. 41). Entre seus primeiros objetivos está a elaboração de um pensamento marcado pelo desejo de interpretar a cultura em função de uma teoria geral da comunicação. Sejam regras de parentesco, troca de mulheres, normas econômicas, linguísticas ou transações de bens e serviços, tudo é visto como uma questão de *comunicação*. Outros encontros históricos são os de Lévi-Strauss e Jacques Lacan, em 1949, que marca a passagem do estruturalismo para a psicanálise (id., p. 169s), e, um ano depois, promovido por Lévi-Strauss, o de Lacan com Jakobson (id., p. 175s).

o homem, se o humanismo naufragou como escola da domesticação humana?” (id., p. 32).

A partir da teoria do simbólico elaborada por Lévi-Strauss, Lacan principia uma releitura completa da psicanálise, visando livrá-la de suas marcas biológicas e comportamentais. Para ele, “o inconsciente não é o primordial, nem o instintual, e, de elementar, só conhece os elementos significantes” (LACAN [1957], p. 522). Ele já enunciara que a função simbólica constitui um universo no interior do qual tudo aquilo que é humano deve se ordenar. Além disso, acrescenta: “O mundo simbólico é o mundo da máquina” (LACAN [1954-5], p. 63). Importa que o estruturalismo postulou uma exterioridade do sujeito em relação a si mesmo, o qual, ao se expressar, é a linguagem que se expressa através dele. O homem não fala, é falado pelo sistema que o constitui. O sujeito lacaniano só existe no horizonte da ordem simbólica que o determina, que toma a forma de um *circuito cibernético*, com portas de entrada e saída.

Ao afirmar que o inconsciente é o *discurso do Outro*, trata-se, para Lacan, justamente do discurso desse circuito em que tudo e todos estão integrados. O registro desta relação entre cibernética, estruturalismo e psicanálise – frequentemente não levada em consideração ou sequer pensada como tal – é importante para enfatizar que a

reflexão sobre a Comunicação, já presente em Freud¹², tem continuidade em explícita relação com os desenvolvimentos da tecnologia. Contrariamente a Freud, para quem as excitações pulsionais são indícios de um mundo interior, separado da realidade social, Lacan concebe o ser humano unicamente em relação com o Outro, com o universo simbólico da *mediação*. Em 1957, ele importa duas ideias básicas de Jakobson – a metáfora e a metonímia – em substituição às noções freudianas de condensação e deslocamento. São duas ideias que se incorporaram definitivamente a seu aparelho teórico, devedor que é, como dito acima, do paradigma cibernético e linguístico da comunicação.

4. Dos anos 1980 em diante

Desde os anos 1960, os experimentos do Modernismo eram já vistos segundo uma perspectiva *pós*, dita pós-moderna, que avançava ironizando e re-citando tudo feito e pensado antes. No final dos anos 1970, é notório o declínio do estruturalismo, de sua ênfase no simbólico, na ideia de *falta* e na recusa da história. E, junto com ele, o declínio da

¹² Ao postular a intervenção dos atos falhos e lapsos como constitutiva e ineliminável da expressão das ideias.

psicanálise lacaniana. Para renovar-se, então, a psicanálise precisava ir para adiante, mostrar-se capaz de afirmar e testar sua validade no ambiente acelerado e digitalizado que passa a vigorar com força irrefreada. Nesta linhagem, propõe-se no Brasil uma reformatação do aparelho teórico-clínico que veio a ser chamado de Nova Psicanálise¹³ nos anos 1980 e, depois, NovaMente. Não se trata de reler Freud como Lacan fizera, e sim de – pós-Lacan –, novamente, aplicar ao cenário das questões atuais uma nova mente a exemplo daquela inaugurada por Freud como precursora em seu momento.

Nos anos 1990, a nova psicanálise apresenta a *Transformática*, a teoria psicanalítica da comunicação (MAGNO [1996], p. 391-430; e [1998]) que vem norteando as pesquisas dos autores deste artigo¹⁴. Na parte introdutória acima, mencionou-se a perspectiva de uma teoria da comunicação não antropocêntrica / tecnocêntrica / sujeitocêntrica. É neste sentido que se buscará mostrar que,

¹³ Proposta por MD Magno quando professor da Eco/UFRJ. Ele foi também professor no Depto. de Psicanálise da Universidade de Paris VIII (Vincennes), em 1977/8, sob a direção de Jacques Lacan.

¹⁴ Com resultados apresentados em livros, artigos e congressos (Compós, no GT Epistemologia da comunicação).

em sua base, a transformática toma o que há – o *Haver*¹⁵ – como pura e simplesmente constituído de *formações*¹⁶. São formações de toda ordem – pessoas, fatos sociais, geografias, pensamentos, signos, deslocamentos de galáxias, quarks... – , que, por estarem em exercício ininterrupto no cosmo (e nas mentes), se acoplam, se atritam, convergem, divergem, atravessam (*trans*), saltam de posição... Qualquer formação, por haver como tal – como algo que se formou, como composta de outras formações –, é sempre direta ou indiretamente responsiva às demais formações próximas ou distantes.

O centramento (ou o descentramento) em (ou de) algum sujeito ou *antropos* não se coloca para a transformática, uma vez que a comunicação entre as

¹⁵ Conceito importante da transformática para indicar uma situação inarredável em, pelo menos, dois sentidos: a) *o que há* ou *haverá é/será* inquestionável quanto ao fato de *haver* como tal: é o que está/ará dado por aí desde sempre; e b) a *experiência* – bruta, redundante, sem palavras, sem representações – que cada um tem (ainda que recalcada depois) de que há como há, queira ou não. Note-se a diferença para com o regime do Ser, característico da filosofia, que diz respeito à descrição (aliás, infinita) desta *havência*.

¹⁶ A nova psicanálise está estada numa *Teoria Polar das Formações*, que é justo sua novidade quanto aos anteriores esteios em Édipo ou significantes. A análise não é de pessoas, e sim das formações nelas vigentes e em comunicação (ainda que, muitas vezes, impedida, recalcada) com as demais formações. As formações se aglomeram em *polos*, que podem ser abordados mediante seus *focos*, mas cuja *franja* é infinita e enredada em franjas dos inúmeros outros polos existentes. Polo, foco e franja são as guias de operação desta teoria.

formações independe da presença de alguém, um indivíduo ou uma sociedade, lá observando. Ela se dá fora de uma “frontalidade do espaço” (*objeto*) ou de um “poder da observação” (DI FELICE, 2017, p. 253). Isto, pelo simples fato de haver formações por aí, umas ao lado de outras (*adjetas*, e não *subjetas*), misturadas ou separadas e em movimentação recíproca. Como a comunicação não implica relação biunívoca – a qual, como visto acima, é impossível, não plenamente consecutível, já que sempre sobrarão restos não computáveis no processo –, ela tem a ver com essa responsividade generalizada entre as formações. Assim, mesmo impossível, ela não deixa de ocorrer razoável e progressivamente. O progressivo aí concerne ao movimento em reciprocidade constante do processo, e não a alguma teleologia.

É dessa afirmação básica, concreta – *há* formações –, que parte a transformática em sua operação de pesquisa, coleta, acompanhamento e arquivamento das transações, transformações e co-moções das formações (MAGNO [1996], p. 395). Isto, sem valoração prévia, sem fundamento bom ou mau inerente: é nas situações que tal ou qual formação se mostra mais ou menos *adequada*, e apenas pontualmente

adequada às situações. Mudada a situação, mudam as formações e as adequações.

A transformática interessa também por não ser tecnocêntrica, por aplicar-se às comunicações que envolvem pessoas¹⁷, isto é, formações que, além de portarem atributos biológicos e comportamentais dos demais vivos, portam constitutivamente a possibilidade de transformar – para bem ou para mal – tanto estes atributos como seu entorno. Isto implica a constante subversão protética de seus atributos biológicos e comportamentais – o que, aliás, é a verdadeira *loucura* da espécie: faça o que fizer, ela nunca estará à vontade na natureza, na cultura (FREUD [1930]), ou mesmo no fato de haver em transformação¹⁸.

5. Aquelx que (se) comunica, os tipos de vínculo

Se todas as formações se comovem umas pelas outras em ressonância, apenas as formações denominadas *Pessoas* portam a possibilidade de transformar, de transpor, sua

¹⁷ *Pessoas* aqui entendidas como o caso terráqueo do que foi chamado de IdioFormações (MAGNO [1995]). A suposição é que haja formações deste tipo em outros lugares que não o planeta Terra, cujo suporte não seja biológico como é o das pessoas.

¹⁸ Para a nova psicanálise, a espécie sofre de “mal-estar no *Haver*”. Daí, por exemplo, sua permanente e concreta *melancolia* (Cf. STAROBINSKI, 2012).

situação primária, dada, chamada de natural. Apenas elas têm a possibilidade de *criação*, de trazer industrialmente – analógica ou digitalmente – ao mundo algo que, antes, não se discernia espontaneamente como tal. Sua sobrevivência, aliás, depende dessa produção de *próteses* que, mais que “extensões” (McLUHAN [1964]), constituem seu modo mesmo de existir, de haver. As próteses – termo designativo da produção tecnológica em geral – participam de tal forma da vida da espécie que não há como distingui-las de sua própria natureza.

Teorias da comunicação concernem a seres vivos, processos e coisas. São teorias que intentam dar alguma conta da ininterrupta passagem / transmissão de informações que ocorre entre os polos em jogo nas situações. Em meio a excitações (citações de fora) e incitações (citações de dentro) as passagens se propiciam de um a outro polo. Isto a ponto de, em muitos casos, a própria distinção dentro / fora se apagar: uma vez a passagem feita, ambos os polos se transformam. O que passa só é enviado / recebido porque, em algum lugar, um polo concerne ao / está concernido pelo outro. O Haver é vincular, com suas formações sendo excitadas e incitadas o tempo todo.

O caso dos humanos, das pessoas – que, como visto, são formações dotadas de uma mente capaz de (e sujeita à) transformação (intencional ou não) –, é o de uma espécie basicamente vincular. São seres cuja sobrevivência depende da vinculação inicial mãe (biológica ou não) / bebê. Tem-se aí uma *alienação* primeira, decorrente de sua dependência inarredável ao fato de nascerem prematuros (neotenia), de só depois de alguns anos adquirirem condições mínimas de gerência de sua própria vida. Esta alienação (‘transferir para outrem’) primeira é, aliás, a matriz de todas as alienações subsequentes de que sofre qualquer pessoa. O processo civilizatório pode mesmo ser pensado como o arranjo dessas alienações visando a um convívio e a uma produção que, de algum modo, seja útil ao maior número de participantes das sociedades. Então, como organizar as trocas e interações para o ajuste constante das demandas de cada um já que as pessoas sofrem de vínculos [cadeias] de todos os níveis¹⁹? Uma teoria da comunicação está imersa nesta questão social pragmática e necessariamente lida com a viabilização de soluções para as inevitáveis dificuldades e impasses que não cessam surgir a todo momento.

¹⁹ Algo já bem descrito por Espinosa ([1677]).

Daí – dessa e nessa pragmática – a nova psicanálise buscar entender a “natureza” do vínculo entre as formações em jogo nos processos das pessoas (MAGNO [1993]): hipnose, sugestão, transferência, sedução, alienação, enamoramento, enfeitiçamento, conversão... A *transfe-rência* foi o modo de vinculação da psicanálise destacado por Freud, mas não é exclusivo dela. É um processo disponível desde sempre na espécie (e, em outra escala, nos demais animais). Para a experiência psicanalítica, mais que ser elo, ligação, nexos, liame e junção, o vínculo é prisão (sintoma): fixação a formações que, com maior ou menor intensidade se aderem umas às outras. Como dito antes, as pessoas sofrem de vínculos de todos os níveis a formações que estão em permanente transação com outras – e o que resulta desta transação são outras formações. A transação se dá positiva ou negativamente, amorosa ou odiosamente. Trata-se, portanto, sempre, de atritos entre as formações e de formações resultantes desses atritos.

Com fins heurísticos, concebem-se três grandes registros para as pessoas, cada qual com um tipo específico de vínculo, de modo de comunicação. No primeiro registro –

dado, espontâneo²⁰, automático –, os vínculos são duros (*hard*), biológicos, cosmológicos, chamados de “naturais”. O segundo resulta da ideia de algo presente neste primeiro registro – denominado *Primário* – ter nele produzido um outro tipo de vínculo, que transpõe a dureza para um ambiente de elaborações de pensamento, de linguagem, de transcrições em suportes flexíveis (*soft*). São vínculos denominados secundários, que se prestam a encadeamentos projetáveis, intercambiáveis, simuláveis, virtuais, transcritíveis. E justo isso presente no registro Primário e que, nele, produziu o registro *Secundário*, é pensado por conta do que Freud concebeu como funcionamento do Inconsciente: um terceiro registro, o *Originário*, cuja característica é a neutralidade quanto às configurações e transações das formações, por melhores que aparentem ser. Um registro *indiferenciante* – não aderido a qualquer diferença –, que, este sim, caracterizaria a espécie. Espécie não dos humanos, mas das *pessoas*, dos indeferenciantes.

Os vínculos dos dois primeiros registros são *relativos*, são aqueles produzidos no âmbito das oposições presentes

²⁰ “...o *Primário* enquanto formação espontânea do Haver é textual. Isto porque o Haver também o é. Não há, repito, Deus ou alma do outro mundo para autorizar a Criação. É um monte de coisas agregadas e textualizadas” (MAGNO [2016], item 12).

nas rotinas do mundo (macho / fêmea, noite / dia, ocidente / oriente, politeísmo / monoteísmo...). São vínculos dependentes das formações primárias (naturais, somáticas, etológicas) ou secundárias (culturais, simbólicas, linguageiras), as quais, mesmo as secundárias sendo mais permeáveis, se mostram *reativas* às tentativas de transformação em qualquer coisa diferente delas mesmas. O vínculo (no singular) do terceiro registro é não relativo, é chamado de *vínculo absoluto*. Nele, para aquém e além da oscilação entre formações opostas, o que ocorre é a *suspensão* das oposições, das polarizações, ou seja: a possibilidade de *indiferenciação* acima mencionada que a espécie porta como distinção para com os demais vivos (MAGNO [1993], p. 9). Assim, diferentemente de Lacan, para quem tudo se passaria no simbólico²¹, os três registros vinculares são inelimináveis e constituintes da espécie, ainda que o que a especifique mesmo seja o vínculo absoluto. Por isso, todos da espécie se vinculam não entre si²², mas absolutamente ao fato de portarem a máquina de

²¹ Para a nova psicanálise, o simbólico é apenas parte do registro Secundário. É neste que se elaboram as próteses capazes de modificar (e mesmo agredir) a dureza do Primário. A criação das próteses é decorrente da indiferenciação, da não aceitação do determinismo diferencial do já dado.

²² “...é na absoluta estranheza para com o próximo que encontro a minha absoluta vinculação” (MAGNO [1993], p. 122).

indiferenciação (e conseqüente transformação protética das pressões advindas dos outros dois registros de vinculação).

Assim, a título de encaminhamento para a pergunta colocada acima – como organizar as trocas e interações para o ajuste constante das demandas de cada um? –, com a referência ao vínculo absoluto tem-se a possibilidade de relativizar as configurações dos poderes e imposições dos vínculos relativos. A pragmática resultante é a de avaliar, caso a caso, a conveniência maior ou menor de tal configuração em tal momento – sem necessidade de apego (fundamentalista) a esta ou aquela formação. Trata-se, o tempo todo, de tomar as situações (sociais, mentais, políticas, econômicas) como derivadas de meras *apostas* quanto a funcionamentos mais eficazes em tal ou qual caso, e não de alguma *crença* que se suponha superior por si mesma. Se, como dito, a indiferenciação implica necessariamente a suspensão (ainda que momentânea) das oposições, é cabível propor que do recurso a esta suspensão seja possível uma consideração mais abrangente do que está em jogo nas transações das sociedades e na comunicação.

6. A Pessoa

A Pessoa é, portanto, aquele(x) que (se) comunica. Além

da consciência, atributo que compartilha com os demais animais, nelx há a consciência da consciência que lá está, a qual é (além de sobredeterminada) *hiperdeterminada* pelos movimentos indiferenciantes do psiquismo: “o psíquico é antes *inconsciente* em si, [e] estar consciente é apenas uma qualidade que pode ou não juntar-se ao ato psíquico particular e nele nada mais altera, caso fique ausente” (FREUD [1925], p. 258). Na pessoa, o que há é apenas “um acúmulo de formações, a coleção absoluta das formações em jogo, sem sujeito algum” (MAGNO [2018], item 2) diante do qual o mundo se descortinaria.

Aquelx que (se) comunica se reúne em sociedade. Nesta, a colaboração entre seus partícipes traz melhores condições de performance e produção, mas não é apenas do jogo e da descrição destas condições sociais que se terá um melhor entendimento do que acontece no processo comunicacional. Para tanto, é preciso também de ferramentas: que busquem entender a ação (e o ato) do psiquismo sobre as pessoas e seus desempenhos; que tratem de conceber os modos de expressão desta ação nas pessoas (antes vistos como neurose, psicose e perversão, e hoje ampliados para *modos de gozo*: formas e formatações [morfofos] *estacionárias*, *regressivas* e *progressivas*

(MAGNO [2003], p.73s.)); e que elaborem meios (*media*) de acompanhar os desdobramentos desses modos de gozo nas pessoas segundo vetores descritivos abstraentes (i.e., independentes da casuística e de pressuposições benévolas ou malévolas sobre suas direções e sentidos). Sem a inclusão dessas efetuações dos jogos das formações no processo comunicacional, corre-se o risco de não considerar elementos constituintes importantes e, sobretudo, cinquenta anos depois, recair no que McLuhan e Fiore diziam sobre a situação de sua época (chamada de “era de ansiedade”): “resultado de tentar fazer o trabalho [*job*] de hoje com ferramentas de ontem – com conceitos de ontem” ([1967], p. 9).

Desde que surge nos anos 1980, há debates sobre como estabelecer mecanismos de controle do funcionamento da *internet*. Para muitos, não deveria haver controle: ela era tida como um promissor ambiente digital que, por ser acentrado, seria capaz de acolher e disponibilizar todo tipo de troca e de informação (falou-se mesmo de sua vocação democrática). Ao mesmo tempo, a operacionalidade dessa livre interação exigia mecanismos de seleção e filtragem para otimizar as buscas e indicar acessos mais adequados ao que seus usuários procuravam. Desenvolvidos e instalados estes

mecanismos, não demora muito para revelar-se a existência dos chamados filtros-bolha²³, algoritmos preparados para direcionar cada um (e a cada um) a apenas sítios que veiculassem informações com as quais estivesse de antemão em concordância: qualquer resultado reiterava preferências previamente mapeadas e se referia a pessoas, grupos e fatos já conhecidos (ou conhecidos de seus conhecidos).

Demora menos ainda para a profusão descontrolada dos chamados *haters*, que espalham insultos pelas agora onipresentes redes sociais e fóruns de debate. E também a profusão de um fenômeno, já identificado no século 20, que ganha destaque de alguns anos para cá, com consequências que passam a preocupar em nível governamental, local e internacional: as chamadas *fake news*. Notícias – amplamente veiculadas dada a facilidade do anonimato e o baixo custo de sua inserção on-line – que visam a direcionar as interpretações dos acontecimentos para lados, partidos políticos, candidatos, na base da armação de informações enviesadas, aglomeradas, sem preocupação com alguma veracidade²⁴. Isto a ponto de generalizar-se uma situação em

²³ Cf. Eli Ceriser, em 2011: <https://www.youtube.com/watch?v=HKtkvPNAsw>.

²⁴ Acrescentem-se os *deepfakes*, aplicativos que transplantam imagens de rostos de pessoas para as de outros corpos.

que se dificulta cada vez mais a visualização de parâmetros minimamente claros para a tomada de decisões quanto a políticas, diretrizes econômicas, comportamentos, ideias...

Chamou-se a este momento de *pós-verdade*. Momento em que se tornou rotineira, evidente e assumida a manifestação de absurdidades e cinismos por políticos e gente comum. Colocam-se, então, perguntas que podem parecer triviais, mas de cujas respostas dependem os caminhos e direções a serem tomados na (e inventados para a) vida pessoal e em sociedade. São respostas a serem produzidas não apenas do levantamento e das descrições dos comportamentos, mas da aplicação permanente de meios capazes de, a cada caso, expor os e intervir nos poderes em jogo nas situações. Poder aí entendido não como instituído, e sim como verbo: pode-se (ou não) isto ou aquilo. É o *poder das formações* e de suas vinculações primárias, secundárias e a originária²⁵, mencionadas nos itens 4 e 5 acima.

Pergunta: este momento propiciado pela digitalização – pós-tudo, segundo alguns – não seria um momento em que se abre espaço para a inclusão de entendimentos sobre processos anteriormente impedidos de se manifestar, por

²⁵ Para o estudo da questão do poder como verbo, cf.: MAGNO [2011], p. 126s.

mais estapafúrdios que pareçam? Pergunta que se coloca para uma *pessoa*, à qual, além de sentimentos raivosos, amorosos, ou mesmo ditos racionais, está disponível o exercício da perplexidade²⁶. As expressões vêm como vêm, e não de acordo com o que certos extratos supõem ser o modo correto (na maioria das vezes, correto segundo interesses sem explicitação clara). É do conhecimento geral que o comportamento social no decorrer da história não foi muito diferente, apenas sua exposição e repercussão não eram tão rápidas, e em muitos casos quase que simultâneas por todo o Planeta. Cabe, pois, continuar perguntando: sobre a *crença* em alguma verdade anterior que permitiria agora falar em *pós-verdade*; sobre as garantias de que as notícias de antes não fossem *fake* em alguma medida; sobre a incidência das ideologias e a vigência de uma verdadeira paranoia no ambiente não só político, mas também intelectual do século 20 (genocídios programados, produção de armamentos de destruição global, imposição de certezas iluministas...); sobre se o que ocorre hoje não são as resultantes diretas de uma ênfase demasiado longa num voluntarismo santarrão que *sabia* o que deveria ser o melhor para todos; sobre se certos fanatismos regressivos ou fascismos reavivados de

²⁶ O exercício de um Pensamento Perplexo, segundo a nova psicanálise.

hoje não se devem ao descompasso de os meios mudarem rapidamente e as mensagens insistirem tempo demais em permanecer as mesmas...

Referências

(Os números entre colchetes se referem às datas em que os textos foram primeiramente publicados ou oralmente apresentados)

BRADBURY, Malcolm. McFARLANE, James (orgs.). [1976] **Modernismo**: guia geral (1890-1930). São Paulo: Cia das Letras, 1989.

DI FELICE, Massimo. **Net-ativismo**: da ação social para o ato conectivo. São Paulo: Paulus, 2017.

DOSSE, François. **História do estruturalismo**. v. 1: O campo do signo 1945/1966. Campinas: Unicamp, 1993.

ESPINOSA. [1677] Da servidão humana ou das forças das afecções. In: **Ética**. (Parte IV).

EZENSBERGER, Hans Magnus. [1970] **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

FRANÇA, Vera V.; SIMÕES, Paula G. **Curso básico de teorias da comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FREUD, Sigmund. [1930] Mal-estar na civilização. São Paulo: Cia. das Letras, 2011. (**Obras Completas**, v. 18, p. 13-122)

_____. [1925] As resistências à psicanálise. São Paulo: Cia. das Letras, 2011. (**Obras completas**, v. 16 p. 252-266)

_____. [1927] Prólogo a 'Juventude abandonada', de August Aichhorn. São Paulo: Cia. das Letras, 2011. (**Obras Completas**, v. 16, p. 347-350)

_____. [1905] **O Chiste e sua relação com o inconsciente**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2017. (**Obras Completas**, v. 7)

_____. [1901] **A psicopatologia da vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1976 (Edição Standard Brasileira, v. VI).

GLEICK, James. [2009] **A Informação: uma história, uma teoria, uma enxurrada**. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

HARAWAY, Donna. [1983, 1991] Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século xx. In: TOMAZ, Tadeu (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. O texto de Haraway foi originalmente publicado em abril de 1983, e desenvolvido posteriormente como o capítulo 8 de seu livro **Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature** (Nova York: Routledge, 1991), de onde foi feita a tradução brasileira.

LACAN, Jacques. [1957] L'Instance de la lettre dans l'inconscient. In: **Écrits**. Paris: Seuil, 1966. p. 493-528.

_____. [1954-55] **Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse**. Paris: Seuil, 1978. Trad. bras.: **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

MAGNO, MD. [2018] **SóPapos 2018**. A sair.

_____. [2016] **SóPapos 2016**. A sair.

_____. [2011] **SóPapos 2011**. Rio de Janeiro: NovaMente, 2016. Uma seção – intitulada “Psicanálise e Poder” – foi publicada em **TranZ: Revista de Estudos Transitivos da Contemporaneidade**, v. 6, dez. 2011. Disponível em:
http://www.tranz.org.br/6_edicao/TranZ11-MagnoPoderVers%C3%A3oFinal.pdf

_____. [2003] **Ars Gaudendi: a arte do gozo**. Rio de Janeiro: NovaMente, 2006.

_____. [1998] **Introdução à transformática**. Rio de Janeiro: NovaMente, 2004.

_____. [1996] **“Psychopathia Sexualis”**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2000.

_____. [1995] **Arte e psicanálise: estética e clínica geral**. 2ed. Rio de Janeiro: NovaMente, 2008.

_____. [1993] **A Natureza do vínculo**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

_____. [1989] **Est'Ética da psicanálise: introdução**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

MARTINO, Luiz C. **Teorias da comunicação: muitas ou poucas?** Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.

McLUHAN, Marshall. [1964] **Os meios de comunicação** como extensões do homem (understanding media). São Paulo: Cultrix, 1969.

_____; FIORE, Quentin. **The medium is the message: an inventory of effects**. Nova York: Bantam Books, 1967.

SILVEIRA Jr. Potiguara Mendes da. Poder das Formações: o artista, o rei, a rainha, o quadro, o filme... In: **FAMECOS**, v. 21, n. 1, 2014, p. 165-185. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/14077>

SLOTERDIJK, Peter. [1999] **Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo**. São Paulo: Estação das Letras, 2000.

STAROBINSKI, Jean. **L'Encre de la mélancolie**. Paris: Seuil, 2012.

TARDE, Gabriel. [1890-5] **As leis da imitação**. Porto: Rés, s/d.

ZARETSKY, Eli. **Secrets of the soul: a social and cultural history of psychoanalysis**. Nova York: Vintage, 2004. Tradução brasileira: **Segredos da alma: uma história sociocultural da psicanálise**. São Paulo: Cultrix, 2006. Trad.: Marta Rosas.